

BREVES PALAVRAS PARA UM HONROSO PRÉMIO

1. No tempo das provas específicas de acesso à Universidade procurei investigar, em colaboração com colegas de outras universidades e do ensino secundário, as motivações da ida para Universidade, da escolha de um determinado curso – recorde-se o *numerus clausus* e a maior procura que a oferta na grande percentagem dos cursos – e a existência, ou não, de relação entre as classificações no secundários e nos primeiros anos da universidade, entre as diversas disciplinas dos dois graus de ensino. Concluímos então, de forma inequívoca, no que se refere a este último aspecto, que não é possível adoptar explicações simplistas e gerais, que em muitas situações não havia qualquer correlação significativa entre as classificações no secundário e no superior (classificações gerais e disciplina a disciplina) e que até tínhamos em alguns casos correlações negativas significativas.

Algumas análises mais finas dos candidatos a alguns cursos universitários onde a competitividade era mais intensa mostraram que aqueles revelavam comportamentos pouco compatíveis com a máxima popular “alma sã em corpo são”. Houve mesmo quem alertasse para a frequência de sinais de esquizofrenia em jovens altamente bem sucedidos nas suas carreiras, de acordo com as suas classificações.

Tudo isso mostrava que o estudante dos nossos cursos universitários são cidadãos multifacetados, com personalidades, interesses e maneiras de estar na vida diferentes uns dos outros. Tudo isso mostrava que aproveitar ao máximo as suas capacidades, torná-los técnicos competentes com uma visão humanista e cultural da sociedade actual e do futuro do nosso planeta passava pela criação de condições propícias ao seu pleno desenvolvimento, pela invenção de espaços de liberdade, por uma maior importância da educação que do ensino. Mostrava igualmente que a classificação obtida nas disciplinas é apenas um dos indicadores na progressão dos saberes económicos, em alguns casos muito importantes, noutros quase acidentes de percurso.

Quando recapitulo os já longos anos de professor na Faculdade de Economia do Porto, os alunos que recorro são os capazes de construir um discurso diferente logicamente coerente, os que não têm medo de afrontar com coerência os saberes constituídos, os que conhecem o que não sabem e sabem transformar as dúvidas em alavancas de estudo, os que se riem na sala de aula porque estão deslumbrados e felizes com os novos conhecimentos adquiridos, os que colocam perguntas que eu não sei responder e que são desafios para novas investigações, os que se conhecem a si próprios e têm prazer na aprendizagem, os que propositadamente optam pelos caminhos mais difíceis com a esperança de encontrarem alguns oásis com novas verdades. Muitos desses alunos certamente têm boas notas nas diversas disciplinas e quase certamente também tiveram nas minhas. Outros talvez tenham terminado os cursos com uma média que está muito longe de reflectir as suas potencialidades de investigadores.

2. Desde o início da década de oitenta que trabalho com alunos do último ano da licenciatura. Em disciplinas que dão maior importância à iniciativa dos alunos que aos saberes do professor, que dão maior importância às suas capacidade para decidirem o que querem investigar e à coragem para encontrarem os caminhos a percorrer, funcionando o professor como co-piloto, do que à repetição dos saberes constituídos. Disciplinas que têm lógicas de funcionamento totalmente diferentes, em que há a funcionar uma aproximação ao sistema tutorial, em que a capacidade de conceber um projecto, de trabalhar em grupo, de aplicar metodologias científicas, de raciocinar coerente e logicamente, é mais importante que a transmissão de um conhecimento previamente estabelecido e padronizado.

Nessas funções confirmei as conclusões anteriormente referidas. Tratando-se de alunos do último ano da licenciatura foi fácil estabelecer uma comparação entre os seus percursos universitários ao longo de quase toda a licenciatura e os comportamentos, as classificações e as capacidades científicas e humanas reveladas na disciplina. Muitos bons alunos obtiveram muito boas classificações. Muitos alunos com notas medianas e alguns com classificações baixas obtiveram excelentes classificações ao serem eles a tomarem a iniciativa de definirem o que queriam investigar e como o queriam fazer. A ordenação dos estudantes segundo as classificações nas outras disciplinas era frequentemente modificada com o desempenho nas disciplinas que ministrava.

Não podemos subestimar que as equipas docentes nessas disciplinas em que tenho participado podem ter critérios de classificação bastante diferentes dos restantes regentes na licenciatura, que há sempre uma certa tendência à condescendência quando avaliamos um aluno que trabalhou regularmente na nossa presença e que nos habituámos a encarar olhos nos olhos, que conhecemos como cidadãos estudantes e não apenas como escribas de um texto de exame ou de uma bizarra “prova oral escrita”. Mas não temos qualquer dúvida que não é aí que está a diferença. Aliás tal poderia explicar uma disparidade de classificação uniforme em todos os alunos e não uma reordenação.

3. Porque grande parte do mercado de trabalho sobrevaloriza as classificações e frequentemente despreza outros parâmetros de referência, porque a coragem para se ser investigador tem de ser maior – uma coragem quase física que frequentemente é subestimada em detrimento de algumas futilidades ou aparências, uma coragem que pode exigir pôr em causa o “politicamente correcto” que a sociedade da não-inscrição, para usar as palavras de José Gil, tende a reconhecer espontaneamente – do que para reproduzir saberes constituídos, por tudo isso e muito mais é importante que existam prémios atribuídos por instituições idóneas, reconhecidas publicamente, como é o caso da Ordem dos Economistas. É importante que se reconheçam os jovens economistas que revelem vontade e capacidade para realizarem trabalhos que ampliem os nossos conhecimentos sobre a nossa sociedade e o mundo.

4. No caso do prémio deste ano, obviamente não posso falar dos restantes concorrentes, mas posso afirmar inequivocamente que é com orgulho que reconheço terem sido meus alunos. Que distância percorrida entre as declarações iniciais de que gostariam de abordar um tema sem riscos até à enorme capacidade de risco ao estudarem a economia subterrânea utilizando a economia experimental. Que abismo entre a modéstia das suas posturas e a audácia do seu trabalho de investigadores, sujeitos sistematicamente ao insucesso até ao fim do percurso, pois não conseguiam controlar todo o processo. Que personalidade e determinação ao recusarem alguns conselhos de especialistas em economia experimental para minimizar os riscos da experiência e as hipóteses por que enveredaram. E é importante reafirmar que o trabalho é exclusivamente resultado do seu esforço colectivo. Limitei-me, como mais velho e mais experiente, a referir aqui e acolá alguma dúvida, a sugerir este ou aquele atalho. Parabéns.

5. Permitam-me que termine este depoimento com três reflexões, esperando que não sejam mais do que isso e nunca tenham a necessidade de se transformarem em sugestões ou propostas.

(1) É fundamental que as Faculdades de Economia, as escolas universitárias de ensino da Economia, continuem a encontrar espaço nos seus *curricula* para terem disciplinas que permitam uma plena aplicação das capacidades de investigação dos alunos, que sejam espaços de liberdade temática e paradigmática, redutos de expressão inovadora

dos jovens economistas. Receamos que essa continuação passe por uma vontade expressa nesse sentido, pois a cristalização dos poderes, a valorização do ensino em detrimento da aprendizagem e as reduções abruptas e sem estruturação das licenciaturas de economia podem ser contra-tendências poderosas.

(2) É importante reconhecer que a Economia é uma ciência que comporta grande divergência de posições, porque diversas são as proveniências geográficas e sociais dos modelos, porque distintos são os graus de abstracção e a validade temporal das leis, porque variadas são as posturas profissionais dos economistas, porque variegados são os axiomas de partida e as hipóteses adoptadas em cada modelo, porque o objecto científico da Economia faz com que ela oscile entre a positividade dos factos e a normatividade dos modelos, porque múltiplas são as consciências possíveis dos intervenientes. As evidências só existem como certezas do que é velho. Que o reconhecimento desta situação chame a atenção para a grande importância de a atribuição dos prémios se cingir exclusividade à qualidade científica dos trabalhos.

(3) Como corolário da reflexão anterior, que os júris de apreciação das candidaturas tenham a capacidade, o tempo disponível, o empenhamento para apreciarem cuidadosamente todos os trabalhos apresentados, produzindo resultados criteriosos que dignifiquem as instituições e tenham o respeito devido pelos candidatos.

Parece que até agora tudo está em paz, mas acautelemo-nos!

Para não terminarmos com pessimismo, os nossos parabéns aos vencedores e os nossos votos de muito sucesso ao longo da vida.

A Ordem dos Economistas deve estar orgulhosa por esta iniciativa.

Carlos Pimenta

Professor Catedrático da Faculdade de Economia do Porto

Investigador do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto